



GINÁSTICA E INCLUSÃO NA VILA DA BARCA: APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA GÊNERO¹.

Carmen Lilia Cunha Faro
Elis Priscila Aguiar da Silva
Raphael do Nascimento Gentil
Suziane Chaves Nogueira

RESUMO

O projeto para a área de palafita da Vila da Barca foi buscar um aprofundamento nos fundamentos ginásticos, objetivando criar um espaço democrático de exercícios comuns aos meninos e meninas, de cooperação entre eles para discussões de valores sociais e históricos impostos como o sexismo, o gênero, e outros. Abordamos a ginástica como processo de intervenção socioeducativa, a partir de palestras, oficinas com os temas inclusão, gênero, cidadania promovendo atitudes de co-educação. No decorrer das experiências, notamos que as discussões sobre meninos e meninas beneficiavam o desenvolvimento deles, atendendo aos seus interesses físicos, práticos, artísticos, intelectuais e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; sexismo; ginástica.

INTRODUÇÃO

Puxando Um Fio...

O homem é um ser social e, quando isolado da sociedade, vai perdendo suas condições humanas, ou seja, as suas qualidades de cidadão.

A sociedade brasileira, por meio das relações sociais capitalistas e da política neoliberal, tem alimentado a apartheid social e negado, a 50% da população brasileira que vive na pobreza e a 25% que vive com 188 reais per capita mês o direito de “ser humano”, ou seja, o direito de ser cidadão (IBGE, 2010).

Afinal, o que é ser cidadão? É ter direitos civis (à vida, à liberdade, a igualdades, perante a lei); é ter direitos políticos (votar, ser votado e participar do destino da sociedade); é ter os direitos sociais (à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila) assegurados. Portanto, pode-se afirmar que a ausência desses direitos influencia diretamente no processo de exclusão de milhões de brasileiros à moradia, à alimentação digna, à saúde, à educação, ao esporte e lazer e a outros serviços básicos e contribui para o

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro para sua realização. Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Estado do Pará (PROEX/UEPA). Resolução nº 1437/07 processo nº 7010/06

agravamento do preconceito, da discriminação e das exclusões sociais, cuja consequência é a violação do direito mais básico de todos os seres humanos: o direito à vida.

Ser cidadão é, acima de tudo, poder sonhar com a cidadania, lutar por políticas inclusivas, sem discriminação aos diversos aprendizados no campo da arte, da cultura, do esporte e do lazer. Pode parecer utópico, contudo existem inúmeras organizações e movimentos sociais no país que perspectivam projetos sociais como espaços de intervenção e respeito à diversidade dos sujeitos, valorizando-os a partir de suas diferenças pois, ser diferente, não significa, necessariamente, ser desigual.

Partindo desse pensamento, uma docente do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará, em conjunto com discentes, elaborou e materializou o projeto “Ginástica e Prática Social: Cidadania, Inclusão e Lazer na Vila da Barca”, cujo objetivo principal foi de levar, às crianças e aos jovens entre 11 e 16 anos, dessa comunidade, um esporte que na linha do tempo divide seus praticantes de acordo com o gênero, que é a ginástica olímpica e a ginástica rítmica. Essa divisão tem se mantido ao longo dos anos a partir de elementos como força, idade, sexo, agilidade, resistência, leveza, delicadeza, entre outros.

Sabendo-se das peculiaridades que atingem regiões historicamente excluídas, como a da Vila da Barca, precisava-se levar esse esporte não apenas como uma atividade descontextualizada mas, a partir dela, estabelecer diálogos sobre preconceitos, sexismo, exclusão, porém nunca negando o lazer a esses participantes e sim, garantir e oportunizar a democratização de um bem comum, que é a ginástica enquanto prática corporal educativa, criativa e transformadora.

Nessa perspectiva, nosso objetivo foi provocar transformações, na comunidade da área de palafitas da Vila da Barca, com a proposta da organização do ensino da ginástica através de temáticas, entendendo a ginástica como um processo pedagógico de intervenção na área de palafitas da Vila da Barca que desperte, nos moradores, vontade de lutar pelas decisões sobre sua vida coletiva, pelo o exercício da cidadania, da inclusão e do lazer, além de garantir a auto-organização de jovens e adolescentes nas atividades, a partir da necessidade de realizar determinadas ações práticas.

A justificativa da temática foi trazer à tona questões como cidadania, inclusão e lazer, tão banalizadas pelo poder público e pela mídia, principalmente na criação de “políticas de sub-cidadania”, políticas de inclusão, imediatistas, que prometem incluir, excluindo.

Com relação à prática social da ginástica, a intenção foi construir, resgatar e

proporcionar trocas de experiências lúdicas e culturais, através das manifestações ginásticas individuais e coletivas, interligando-as aos diversos aspectos de suas vidas, como preconceitos, sexismo, exclusão e direito ao lazer.

Vale ressaltar que essas propostas e a metodologia utilizada como palestras, oficinas, vídeos, visitas ao curso de Educação Física da UEPA e apresentações para a comunidade foram construídas e reconstruídas com a intervenção da comunidade, adquiridas a partir convivência dos envolvidos neste processo e seus principais anseios.

SOBRE O CAMINHO TRILHADO: compreendendo a Vila da Barca e sua área de palafitas

A Comunidade da Vila da Barca se localiza no município de Belém-PA, no Distrito Sacramenta, bairro do Telégrafo, entre as margens da Baía do Guajará e da Avenida Pedro Álvares Cabral, importante corredor de acesso ao centro comercial e de escoamento da cidade. O acesso à Vila da Barca é feito pela Travessa Coronel Luís Bentes.

Segundo o estudo realizado pela Universidade do Estado do Pará, que recolheu depoimentos dos moradores da comunidade, o nome Vila da Barca tem várias origens. Uns, relatam que esse nome está ligado ao fato de uma barca, que encalhou e ficou esquecida no local; outros, ainda, afirmam que foi uma barca que afundou no local. Há, também, os que evidenciam que o nome advém das apreensões de embarcações clandestinas pois, segundo estes, o fato serviu como referência para os ribeirinhos que vinham comercializar seus produtos em Belém. De início, todos diziam que iam para a vila onde estava a barca, passando, posteriormente, a ser conhecida como Vila da Barca.

Quanto à ocupação da área, várias foram as motivações. Para uns, significou o sonho de conseguir a casa própria; outros, citam questões econômicas, principalmente o desemprego, como razão da ocupação do local; há os que, ainda, apontam a facilidade de deslocamento para o centro urbano, já que era uma região próxima a uma estação de trem que passava pela Avenida Pedro Álvares Cabral, onde os ribeirinhos vendiam sua produção, além de ser próxima ao Ver-o-Peso, principal feira da cidade; e, por último, citam a existência de uma indústria de castanha e um curtume, às margens do rio, bem como a facilidade de atracação dos barcos. Aos poucos, a população e o poder público foram aterrando a área que era alagada até a Av. Pedro Álvares Cabral mas, quanto mais aterravam os terrenos onde se localizavam as palafitas, outras mais iam surgindo sobre o rio.

A área de palafitas da Vila da Barca é formada por 196 famílias e uma população de 784 pessoas, que residem nas Passagens Pe. Julião, Praiana, Cameté e na Travessa Coronel

Luís Bentes. Na maior parte dos domicílios, em cerca de 80,30%, reside apenas 01 família; em 12,92%, vivem 02 famílias; em 4,24%, 03 famílias e em 1,27%, habitam 04 famílias. A média de pessoas por domicílio é de 04, sendo que, na maioria dos domicílios, 23,03% é habitada por 04 pessoas; 16,20% por 03 pessoas; 14,07% por 05 pessoas e 10,23% por 02 pessoas. As famílias são predominantemente constituídas de crianças, adolescentes e jovens; portanto, são consideradas famílias jovens.

A circulação interna da área é feita através de estivas de madeira, com largura entre 0,80m e 1,20m, sem guarda-corpo, a uma altura do solo que varia entre 0,50m a 5,00m. As habitações geralmente são precárias, construídas de madeira e suspensas sobre o rio, em forma de palafitas, bem similar à construção ribeirinha.

O abastecimento da água, em 98,52% das moradias, é feito pela Companhia de Saneamento do Pará (COSANPA), de forma precária, através de uma tubulação geral suspensa sobre as estivas. Essas tubulações ficam sujeitas à penetração da água do rio, contaminada por lixo e dejetos, principalmente na ocorrência de vazamentos na tubulação, enchentes e das chuvas frequentes na região. Não existe sistema de esgoto sanitário e, apesar de contar com a coleta de lixo, o serviço é precário. O lixo, a água e os dejetos são lançados diretamente no solo e nas águas. A iluminação pública, por sua vez, não é compatível com a necessidade das famílias, devido às dificuldades de implantação de novos postes, dada à alta densidade e às constantes oscilações de energia no local.

As crianças não têm espaço para brincar e são alvos de constantes acidentes nas estivas, assim como os idosos que têm dificuldades para se locomoverem. Brincadeira comum no local são os banhos no rio, entretanto, sem condições adequadas, ocasionando grande incidência de doenças.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, a população da comunidade é bem organizada por diversos movimentos e entidades civis. A Comunidade da Vila da Barca possui uma associação de moradores organizada há 17 anos e, além dessa associação de moradores, encontram-se em funcionamento entidades comunitárias da Pastoral e um Centro Comunitário, bem como a Associação Carnavalesca Mocidade Unida da Vila da Barca, que existe há 11 anos. Há, ainda, diversas entidades religiosas, como católicos, evangélicos, entre outras. Com relação às entidades governamentais destacamos a Unidade de Saúde e a Fundação Curro Velho, que se localizam às proximidades da Vila.

Esta ocupação existe há mais de 70 anos e caracteriza-se pela resistência urbana à privatização da orla de Belém e pelas diversas organizações locais, que sempre lutaram por

melhorias sociais.

Fios Que Se Entrelaçam: O que temos a ver com isso?

O poder público se viu “pressionado” a atender a demanda dos direitos sociais e econômicos da comunidade. Nesse sentido, a Universidade do Estado do Pará (UEPA), em 2007, através da Pró-reitoria de Extensão (PROEX), não ficou alheia a sua realidade circunvizinha, tão discriminada, rejeitada e excluída e, portanto, afastada da discussão sobre políticas inclusivas oriundas das demandas sociais.

Quando trabalhamos com políticas inclusivas, é necessário, primeiramente, levar em conta que essas rejeições e exclusões advêm de preconceitos de diferentes ordens. É preciso considerar também que esses preconceitos acabam por limitar o acesso ao esporte e ao lazer, ou restringir tal acesso as pessoas que buscam aderir as diferentes formas de vivenciá-los (GOELLNER et al, 2009,p.5).

Diversos aprendizados no campo do esporte, da arte, da cultura, do lazer e da expressão corporal, têm sido acionados como desafio às instituições públicas, ao problematizar e desconstruir verdades absolutas. Por exemplo, a menina que gosta de jogar futebol e o menino que pratica ginástica, teriam, por natureza, tendências homossexuais. Essas “verdades” não são “naturais”, mas construídas a partir da cultura dos sujeitos e dos grupos sociais envolvidos. Pode-se perceber essa manifestação das relações de gênero na determinação de atividades como masculinas ou femininas, originadas pela história, privando os indivíduos de experiências transformadoras.

No que se refere a essas afirmações, dados de um estudo sobre o acesso ao esporte e ao lazer, no Estado do Pará, confirmam a manutenção desse tipo de pensamento, quando relata que a prevalência de um ou outro gênero em um determinado projeto depende das atividades oferecida, ou seja:

Há uma tendência à predominância masculina nos projetos de esporte, principalmente os de alto rendimento, e feminina em projetos artísticos, como na área de dança, e nos voltados para a terceira idade. Assim, percebemos uma tendência à continuidade da constituição cultural do gênero, historicamente construída, que define papéis e comportamentos também no campo das práticas corporais de esporte e lazer [...], representada de forma simbólica pela “natural” separação das práticas corporais entre homens e mulheres durante sua infância e juventude, até a fase adulta. (LIMA et al, 2011, p. 150-151)

Assim observa-se que, no contexto da sociedade atual, diversas inquietações no sentido de transformar o “*status quo*” tem, através de um processo perverso e injusto, reforçando atitudes sexistas e racistas, dando margem à busca de estratégias para se fazer uma

intervenção de qualidade nesse processo das lutas sociais da população da Vila da Barca.

O projeto teve, na prática social da ginástica, os fundamentos para o nosso processo educativo de intervenção, considerando-a como uma forma própria de se exercitar, com inúmeras possibilidades de provocar, nos jovens e crianças, atitudes de curiosidade, interesse, criatividade, para além do condicionamento físico e da competição.

Portanto, da promoção de ações em grupo, que se materializam a partir do “balançar juntos”, “saltar com os companheiros”, a ginástica criou um espaço democrático, de exercícios comuns aos dois sexos, com a cooperação entre eles, para discussões de paradigmas e valores sociais e históricos impostos a homens e mulheres, tais como o sexismo, os preconceitos sociais, raciais, entre outros.

Desta forma, partiu-se de referenciais diferenciados e transformadores que tratam dos conhecimentos ginástica, prática social, cidadania, inclusão e lazer, os quais expressam sentidos e significados que se entrelaçam dialeticamente, ou seja, a intencionalidade (objetivos do homem) e as intenções (objetivos da sociedade).

Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica, dança, ou outros temas que venham a compor um programa de educação física, têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceitos sociais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição da renda, dívida externa e outros (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.42)

A nossa participação no projeto teve como pauta orientar, trazer e pontuar ressignificações aos conceitos, preconceitos, preceitos, comportamentos e atitudes, valorizando as diferenças culturais das crianças e da juventude da Vila da Barca. Ao nos comprometermos com a perspectiva inclusiva, no que diz respeito às relações entre gênero, ginástica e lazer, estamos contribuindo para alicerçar e construir uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais igualitária.

A aplicação do projeto seria uma grande novidade para as pessoas da comunidade, uma vez que a ginástica possui certa visibilidade e é vislumbrada a partir dos estereótipos criados através da mídia e dos esportes. Portanto, em um primeiro momento, a expectativa dos moradores era de que o projeto abrangesse apenas o condicionamento físico para as mulheres e atividades recreativas para seus filhos.

Nesse sentido, também se propõe a ginástica para além desses limites, através de novas possibilidades de significação desse conhecimento da cultura corporal humana que

soma-se as possibilidades dos indivíduos vencerem seus próprios limites, imbuídos de prazer, num ambiente de liberdade e criatividade, de construção e desconstrução. Gaio (2007, p. 153),

Ensinar a ginástica [...], considerando o educando como um fim em si mesmo, a medida em que as ações[...] conduzem ao que Freire (1992) chama de “aprender, praticar esporte brincando”.

O QUE A GINÁSTICA TEM A VER COM ISSO?

É importante ressaltar que o intuito de ensinar a ginástica não foi de aproximá-los, do esporte pelo esporte, sendo assim, não pelo viés dos elementos previstos pelos códigos de pontuação e nem pelo regulamento da modalidade, muito menos exigir as habilidades físicas dos atletas de alto rendimento, o desafio é fazê-los experimentar uma prática que entrasse no universo das ginástica sem que a ênfase à competição fosse estimulada, pelo contrário, a valoração pela vivência dos movimentos deveria ser privilegiada e dar satisfação as crianças e jovens e para materializar essa construção intelectual em corporal, uma prática pedagógica própria dos sujeitos deverá ser apresentada (VELARDI, 1999).

A palavra ginástica, etimologicamente, procede do gênero feminino mas, historicamente, se construiu a partir dos conceitos de força, agilidade, virilidade, potência, energia, características fisiológicas masculinas. E assim, a história aponta que foi surgindo ginástica para mulheres e ginástica para homens.

Antes mesmo de planejarmos nossas atividades físicas, a vida nos planejou escolhendo o tipo de ginástica que homens e mulheres podiam praticar. Vida essa, fruto de ações de homens que detinham o poder e de mulheres que se submetiam às ordens e determinações (GAIO; GÓIS, 2006, p.1)

A ginástica, nos primórdios da civilização, era praticada apenas por pessoas do sexo masculino, com o objetivo de deixá-los fortes, saudáveis, para proteger a pátria e suscitar o ideal de beleza e sabedoria humanas. Outro momento marcante na história acontece no decorrer do século XIX, período em que a ginástica objetivou criar um espírito nacionalista por homens e mulheres fortes, robustos e saudáveis, preparados para defender a pátria e servir às indústrias. Nota-se que já aparece aí, uma preocupação com o corpo da mulher, pois era ela que gerava “os filhos da pátria”. A ginástica também contribuía para cuidados higiênicos do corpo e do espaço em que habitavam.

Na modernidade, homens somente poderiam fazer movimentos tidos como “quadrados”, firmes, e as mulheres, redondos, ondulados e leves. Assim, muitos meninos e meninas ainda são impedidos de participar de algumas ginásticas devido a estes tipos de

preconceitos sendo, algumas vezes, excluídos por colegas e pelos próprios professores, que camuflam seus preconceitos com as afirmativas de que “os meninos são mais fortes”, “não rebola, isso é para mulheres”. E, nesse sentido:

Todo movimento corporal é distinto para os dois sexos: o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto dos homens espera-se um caminhar mais firme (palavras que no dicionário vem associada a seguro, ereto, expressões muito masculinas e positivas), o uso das mãos [...], o posicionamento das pernas ao sentar, enfim, muitas posturas e movimentos são marcados, programados, para um e para o outro sexo (LOURO, 1992, p.59).

Sabe-se que, na atualidade, a ginástica está dividida em competitiva e não-competitiva. As modalidades competitivas são regulamentadas e caracterizadas por padrões que estereotipam e reforçam a exclusão da sua prática. Exemplo disso, encontramos nas palavras de Gaio e Góis (2006, p.4).

(...) os aparelhos utilizados para expressar e combinar movimentos gímnicos são definidos de acordo com as características dos sexos, sendo, por exemplo, a fita um aparelho feminino e o bastão masculino; as capacidades físicas que são desenvolvidas e exploradas para cada tipo de ginástica podem caracterizar a execução de um movimento feminino ou masculino como força, uma capacidade presente nas argolas masculinas e leveza e flexibilidade no solo feminino.

O estabelecimento desses padrões impede que o universo da prática da ginástica se restrinja aos mais aptos, a quem possua o biótipo adequado, e delimita assim a participação de homens e mulheres nas práticas competitivas.

Já as modalidades de caráter não-competitivo se expressam em objetivos diversos, tais como estética, saúde, prevenção, lazer, reabilitação, consciência corporal. Pode-se observá-las, principalmente, em academias e clubes, os quais, através da mídia, que também sugere padrões a serem seguidos, orientam a ginástica localizada para as mulheres e a musculação para os homens.

Contrapondo essas proposições, lançamos o projeto “Ginástica e Prática Social: Cidadania, Inclusão e Lazer na Vila da Barca”, mas ainda assim nos deparamos com uma segunda relação que se entrelaça diretamente com a primeira já apresentada, e que tivemos a oportunidade de “sentir na pele”, em nossas aulas de ginástica na universidade. Foi observado que os homens, quando estão realizando exercícios com materiais como fita e arco, têm sua masculinidade colocada em suspeição e são maliciosamente atingidos por comentários do tipo “mariquinha”, “mulherzinha”, “Tu és gay que eu sei”, “ Tu enganas a tua mãe, mas a mim não”. Outro exemplo, vivenciamos nas aulas de ginástica artística, no aparelho argolas, onde

os meninos se posicionaram contra a vivência das meninas, caracterizando-as como impotentes diante do desafio proposto.

O preconceito relacionado ao gênero atinge os dois sexos, em pontos diferentes. E é no meio escolar, nas aulas de Educação Física, que as diferenças são mais frequentes. Por isso, através do projeto, procurou-se incentivar a cultura corporal da ginástica a todos e todas, independente de gênero, promovendo atividades nas quais meninos e meninas, homens e mulheres, participassem conjuntamente.

A intervenção pedagógica torna-se fundamental para a desconstrução de alguns estereótipos envolvendo as relações de gênero na ginástica, contribuindo para o desenvolvimento da solidariedade, gerando um melhor entendimento da construção social das diferenças de gênero e, conseqüentemente, a tolerância e respeito a ambos os sexos, sobre o seu desempenho nas práticas corporal e social.

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E TATUADAS EM NOSSA MEMÓRIA...

Nos primeiros momentos do projeto, visando mapear os saberes dos participantes referentes às manifestações ginásticas, foram elaborados alguns questionamentos: O que é ginástica? Quais os tipos de ginástica? Onde poderíamos praticar a ginástica?

Por meio destas questões, identificamos que o primeiro contato com ela deu-se através da mídia. Sendo assim, nesse momento, os alunos não tinham muitos conhecimentos acerca do porquê e para quê poderíamos praticar ginástica.

Através da proposta de temáticas: “Ginástica e Inclusão”, e a partir da busca por diferentes referenciais, movimentos, materiais para ampliar nossos conhecimentos relacionados a eles, surgiram alguns desafios à nossa intervenção: como poderíamos propor aulas que desconstruíssem os estereótipos e preconceitos relacionados à prática da ginástica rítmica e artística, e como incluir e não desestimular os meninos e meninas participantes do nosso projeto?

Escolhemos, como tema de uma das aulas, “Brincando com o arco: meninas e meninos?” O objetivo da aula foi a construção do conhecimento corporal através das vivências coletivas afetivas com os colegas, quebra de preconceitos e estereótipos criados em cima do aparelho arco, pela sociedade machista, e aumento das experiências motoras e sociais adquiridas através do manuseio do aparelho e das construções coletivas.

Realizamos o primeiro momento da vivência a partir de questionamentos relacionados ao tema, tais como: “Alguém já brincou com o arco?” “Quais os movimentos que vocês

sabem fazer com esse aparelho?”. Lançamos as perguntas propositalmente para entender as relações dos participantes com o aparelho e pedimos para eles mostrarem tudo o que sabiam fazer com o arco.

Notamos que a fala majoritária se deu no sentido da representação feminina produzida principalmente pela mídia: “o rebolar com o arco”. Os meninos, como prevíamos, se manifestaram através de piadas e brincadeiras mas, mesmo assim, socializaram seus conhecimentos com os demais.

No segundo momento da aula, para demonstrar que a ginástica não está tão longe da nossa realidade como imaginado por eles, elaboramos DVDs que continham trechos de uma ginasta realizando movimentos básicos e uma apresentação oficial; outro, apresentava imagens gravadas em uma escola com crianças realizando movimentos da ginástica rítmica nas aulas de educação física; outros, mostravam apresentações em festivais de ginástica com colaboração entre homens e mulheres.

Neste momento, todos e todas, através de uma roda de conversa, puderam identificar alguns movimentos nos vídeos que foram utilizados em nosso dia-a-dia, como saltos, saltitos, corridas, balanceios, pontes, estrelas, parada de mãos (*bananeira*), entre outros. Passamos, então, a relacionar esses movimentos com o material.

Para desmistificar a ideia de que dentro do nosso projeto a ginástica rítmica seria uma prática corporal exclusivamente feminina, utilizamos um texto breve sobre o histórico da manifestação e através do auxílio da palavra-chave respeito, dialogamos a importância de não haver risos, chacotas e, além disso, a turma seria dividida em duplas de meninas com meninos. Direcionamos uma discussão elencando todos os pontos discutidos nos primeiro, segundo e terceiro momentos da aula. Portanto, a partir da construção histórica do conhecimento ginástica rítmica, dos vídeos apresentados e das trocas de experiências, poderíamos reconceitualizar essa prática através de atitudes de respeito à individualidade e de experiências corporais simples e renovadoras. Os participantes demonstraram muito interesse em expressar sua opinião diante do desafio proposto.

Logo após, partimos para o processo de materialização e reorganização do conhecimento, na qual todos tiveram a possibilidade de vivenciar as formas básicas de manuseio do aparelho e suas diversas possibilidades: rolamentos, rotações, passagens, balanceamentos, retroversões, lançamentos, trocas, movimentos em “oito”.

No processo de (re/des) construção da ginástica, valemo-nos do processo de elaboração de coreografias simples onde, através do trabalho em grupos, propusemos o

desafio de elaborar e organizar uma sequência simples, a partir de três movimentos básicos realizados com o auxílio do aparelho arco. Todos puderam participar e socializar o conhecimento adquirido durante o processo de construção coletiva da aula, através de uma dinâmica realizada com músicas.

No momento da avaliação verbal da aula, os participantes apresentaram as dificuldades e facilidades no manuseio do aparelho; os motivos que levaram os meninos a não utilizarem o aparelho anteriormente; e a importância do respeito de um para com o outro na ginástica e transferindo isso para a vida.

A nossa proposta de aulas, inicialmente, foi desafiadora para a comunidade e, ao final, era aceita pelos dois sexos. As meninas, muitas vezes, faltavam nas atividades ginásticas, porque tinham afazeres domésticos relacionados aos cuidados da casa como lavar, cozinhar, passar e cuidar dos irmãos.

Desconstruímos estereótipos do senso comum, ao trabalharmos com a ginástica rítmica e artística através de temáticas problematizadoras, tais como “Ginástica e materiais alternativos”, através da proposta da construção da fita a partir do papel crepom. No início dessa aula os meninos se recusaram a confeccionar a fita junto com as meninas, alegando que trabalhos manuais como recortar o papel crepom, colar no palito, não era coisa para homem. Diante dessa dificuldade apresentou a intervenção com questionamentos sobre profissões que cortam, recortam, colam, e assim foi surgindo sapateiro, barbeiro, artesão; sobre brinquedos e brincadeiras, entre outros, e que não é o fato de pegar em uma tesoura, cortar um papel que vai definir o gênero e assim des-sexualizando a atividade apresentada.

Destaca-se ainda a temática: “Ginástica Artística: faces e interfaces”, no qual elencamos problemáticas inerentes as questões de força em seus mais diferentes sentidos e os estereótipos inculcados nos corpos feminino e masculino tais como: “o que significa ser homem ou ser mulher?”; “Qual a relação entre as diferenças biológicas percebidas entre os sexos, a mulher é realmente mais fraca do que o homem?”; “O homem é mais forte que a mulher?”. Notamos que os sentidos e significados das respostas dessas questões permeiam um cotidiano marcado por valores e comportamentos mais ou menos rígidos que norteiam a vida das pessoas.

Nota-se que por nunca terem vivenciado algumas atividades, tanto os meninos quanto as meninas, sentiam vergonha e, às vezes sentiam incapazes de realizar determinados movimentos. Entretanto, percebeu-se que a questão não seria a perfeição da experiência, mas prioritariamente o fomento da co-educação, “entendida como forma particular de elaborar/

praticar forma de ação comuns para os dois sexos, criando um espaço aberto à colaboração entre eles para a crítica ao “sexismo” socialmente imposto.” (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 76)

Propusemos a ginástica contextualizando atividades co-participativas nas quais as diferenças não eram eliminadas, mas tratadas em suas especificidades; no entanto, apontamos como falha do projeto, o caráter de ser uma intervenção de poucos meses, até porque sendo este um assunto historicamente construído e sócio-culturalmente desenvolvido, precisaria de diálogos, vivências e intervenções continuadas, já que estes pensamentos estão “naturalizados”. Apesar disso, a semente sobre as ampliações das discussões dessas vivências foi lançada, mas não podemos negar que existem grandes pedras e pontiagudos espinhos na consolidação de transformações mais profundas nessa comunidade; no entanto, consideramos válida nossa intervenção ao lançar as primeiras sementes.

ENCONTRANDO O FIO

O homem sempre ocupou lugar de destaque no esporte, negando às mulheres essas experiências. Essa negação advém dos jogos olímpicos da Grécia antiga, quando as mulheres eram proibidas até de assistir às competições. No século XIX, a mulher continua não tendo expressividade nas provas atléticas. Já no século XX, surgem modalidades específicas para o sexo feminino, como o nado sincronizado e a ginástica rítmica desportiva.

Ser mulher no esporte é envolver-se num contexto que é criado para o homem e pelo homem (sexo-masculino), o qual detém o poder por meio de aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais, sexuais, entre outros, fazendo com que a mulher, ao praticar o esporte, deixe de lado o adjetivo feminino.

A questão de gênero, que envolve a prática da ginástica possibilita, na atualidade, discussões para além (não aquém) do fenômeno esportivo ao aprofundar a análise sobre as questões sociais, econômicas, políticas e culturais da prática corporal e social de homens e mulheres.

Por muitas lacunas no que se apresenta a manifestação de gênero na construção das políticas públicas, o Estado, na possibilidade de agente ampliador da cidadania, deve estabelecer ações permanentes que rompam com esse determinismo histórico e que avancem na equidade de gênero em toda estrutura social, bem como a tentativa do projeto relatado.

Historicamente, os movimentos ginásticos sempre estiveram associados a elementos ideologicamente atrelados à figura masculina. Na atualidade, porém, também são direcionados às mulheres, mas que ainda não foram desmistificados e ressignificados a partir

da concepção do papel de homens e mulheres na sociedade.

Enfim, nós devemos buscar uma prática inclusiva que se preocupe com questões relacionadas quanto ao gênero, pois esses temas ajudam na exclusão, de determinados sujeitos em determinada prática social. Quando isso acontece, a prática da ginástica torna-se elitista, discriminatória e preconceituosa. Evitar situações discriminatórias deve fazer parte de nossa ação educativa afinal, em que meninos e meninas devam ser respeitados nas suas especificidades.

Resta-nos refletir, sem apontar nenhuma receita nessa relação de meninos e meninas na prática da ginástica, uma vez que a relação é confusa. A intenção é desenhar novas possibilidades e avançar para encontrar um fio do compromisso, da criatividade, do pensamento e da ação em busca de inclusão social para abrir caminhos para uma prática pedagógica sem discriminação e preconceitos, e assim mostrar que os meninos e meninas podem fazer suas próprias escolhas.

GYMNASTICS AND INCLUSION IN THE VILA DA BARCA: A THEMATIC APPROACH WITH GENDER.¹

ABSTRACT

The project for the area of Vila da Barca palafita fetched a detailed knowledge of basic gymnastic, aimed at creating a democratic exercise common to boys and girls of cooperation between them for discussions of social values and historical tax as sexism, gender and others. We approach the process as gymnastics socioeducational intervention from lectures, workshops with topics including gender, citizenship promoting attitudes of co-education. During the experiments, we noted that discussions about boys and girls enjoyed their development, given their interests physical, practical, artistic, intellectual and social.

KEYWORDS: *gender; sexism; gymnastics.*

GIMNASIA Y LA INCLUSIÓN EN EL VILA DA BARCA: UN ENFOQUE TEMÁTICO CON GÉNERO.¹

RESUMEN

El proyecto de la zona de Vila da Barca palafita fue a buscar un conocimiento detallado de gimnasia básica, destinado a crear un ejercicio democrático común para niños y niñas de la cooperación entre ellos para el debate de los valores sociales y fiscales histórico como el sexismo, el género y otros. Nos acercamos al proceso como una intervención socioeducativa gimnasia desde conferencias, talleres con temas como el género, la ciudadanía promoviendo actitudes de coeducación. Durante los experimentos, se observó que las discusiones sobre los niños y niñas disfrutaron de su desarrollo, teniendo en cuenta sus intereses físico, práctico, artístico, intelectual y social.

PALABRAS CLAVES: *género; sexismo; gimnasia.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- GAIO, R.; GOIS, A. A. As ginásticas de ontem e de hoje: um estudo sobre gênero. In VII SIMPÓSIO INTERNACIONAL “FAZENDO GÊNERO”, 2006, Florianópolis., *Anais...Florianópolis*,2006.
- GAIO, R. Ginástica Rítmica “Popular”: uma proposta educacional. 2ª edição, Jundiaí: Fontoura,2007. 152p.
- GOELLNER, S.V. ET al. *Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer*. Porto Alegre: Ministério do Esporte e Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010: Indicadores Sociais Municipais 2010: incidência de pobreza é maior nos municípios de porte médio* Disponível em : http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2019&id_pagina=1> Acesso em 14 de março de 2013.
- LIMA, P.C.; et al. Diagnóstico do Acesso ao Esporte e Lazer da População do Estado do Pará por meio de Políticas Públicas. In. SOARES, A.; et al (Org.). *Diagnóstico do Esporte e Lazer na Região Norte Brasileira – o existente e o necessário*. Manaus. Edua, 2011.
- LOURO, G.L. *Uma Leitura da História da Educação Sob a Perspectiva de Gênero*. Teoria e educação, nº 6. Porto Alegre, 1992.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ. *A população que vive na área de abrangência da Vila da Barca*. Belém, 2006.
- VELARDI, M. Ginástica Rítmica: a necessidade de novos modelos pedagógicos. In: SCAGLIA, A. J. et al; NISTA-PICCOLO, V.L. (Org.). *Pedagogia dos Esportes*. Campinas, SP: Papyrus, 1999.